

VOZES DIVERSAS

DIFERENTES SABERES



SALÃO DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
XXX SIC

15 A 19  
OUTUBRO  
CAMPUS DO VALE



## O PODER TEOFÂNICO DA ALTERIDADE: UMA TRADUÇÃO POÉTICA DA TEOGONIA DE HESÍODO

Autor: Bruno Palavro

Orientador: Prof. Dr. Carlos Leonardo Bonturim Antunes

Esta pesquisa teve como objeto estudo e tradução integral da *Teogonia* de Hesíodo, poema grego de cunho didático-religioso composto por volta de 750-650 a. C. em hexâmetro datílico; como objetivo principal, propor no texto traduzido uma poeticidade que apontasse para a experiência numinosa suposta no contato do homem grego arcaico com o poema.

A preocupação central deste trabalho foi potencializar o confronto do leitor/ouvinte com uma experiência profunda de alteridade: justamente na exigência de um envolvimento hermenêutico acredita-se haver brecha para um tipo de experiência numinosa, entendendo-se que o sujeito, ao envolver-se na compreensão algo, modifica também uma compreensão sobre si. Dois pontos específicos da tradução resumem essa intenção: 1) fundamentado no conceito de “melopecia” proposto por Ezra Pound, um empenho em recriar na tradução o ritmo dos versos originais, na linha do que fez Carlos Alberto Nunes em suas traduções da *Ilíada* e da *Odisseia*. A ideia é continuar uma desestabilização que abandona formas tradicionais de versificação para enveredar-se com o outro, além de ser um convite implícito à vocalização/performance pelo trabalho amplo com a sonoridade. 2) Com uma releitura do conceito de *mysterium tremendum et fascinans* de Rudolf Otto, estendido da experiência inefável do sagrado à intenção artificiosa do poético, a recusa em traduzir nomes de divindades primordiais e abstrações divinizadas em determinados contextos.

Como resultado, constam os 1022 versos da *Teogonia* traduzidos para o português, cantáveis em cima de um ritmo regular que emula de muito perto o hexâmetro datílico grego, e que se aproveitam da aura mítica sobre um passado profundamente alheio para, por meio de obscurecimentos deliberados, ressignificar uma experiência poética do sagrado à língua de chegada. Com essa abordagem, espera-se ter ressaltado e renovado a poeticidade do texto hesiódico a partir de aspectos ainda não explorados em outras traduções; pelo trabalho de alteridade e o envolvimento ativo por ela exigido, ter potencializado para o presente um tipo de experiência numinosa da canção.

### ΘEOΓONIA, v. 104-122

Salve, ó prole de Zeus! Alegrai e dai canto e desejo!  
Glórias à raça sagrada e a seus imortais sempre entes,  
os que nasceram provindos de Gaia e de Urano estrelado  
como os de Nix tenebrosa e os que Ponto salgado nutriu.  
Inda dissei como os deuses e a terra primeiro nasceram,  
rios e o mar infinito também com seu ímpeto inflado,  
astros também lampejantes e o céu abrangente por cima  
bem como os deles nascidos, os deuses doadores de bens,  
de que maneira ordenaram riquezas e as honras partiram,  
como primeiro possuíram o pluridobrado Olimpo.  
Isso contai-me, ó Musas possuintes do olímpio palácio,  
desde o princípio, dissei quem primeiro nasceu dentre eles.

Sim, atenção! Bem primeiro foi Caos que nasceu, em seguida  
Gaia de seio abrangente, o assento sempre irresvalável  
dos imortais que possuem a crista do Olimpo nevado  
bem como Tártaro turvo, recessos no chão de amplas vias,  
e Eros ainda, mais belo de todos os deuses eternos,  
membros afrouxa e de todos os deuses e todos humanos  
doma a mente no peito e a sensata vontade entranhada.

### ΘEOΓONIA, v. 850-868

Tanto amedrontam-se Hades, senhor dos defuntos abaixo,  
como os Titãs subtartáreos que encontram-se em torno de Crono  
com o barulho imparável, com esse sinistro conflito.

Zeus logo após encristar seu furor agarrava suas armas,  
tanto o trovão e o relâmpago bem como o raio abrasante:  
ele o golpeia pulando do Olimpo e em torno incendeia  
todas divinas cabeças então do terrível portento.  
Já quando o tem dominado no açoite de suas pancadas,  
faz com que tombe aleijado – e geme a terra portenta.  
Chama se vai despachando por esse senhor fulminado  
entre os vales do monte escurente nas trilhas rugosas  
junto com golpes, e muito se queima a terra portenta  
com o mormaço divino: derrete-se tal como estanho  
na arte dos homens robustos disposto em crisol perfurado  
quando aquecido, ou ferro, que mais poderoso de todos  
entre os vales do monte, domado por fogo queimante,  
vai derretendo no chão divinal pelas palmas de Hefesto –  
tal se derrete a terra com fogo abrasante na flama.

Lança-o, com o ânimo em males, ao Tártaro tão abrangente.